

## Leitura musical na ponta dos dedos: o ensino da musicografia Braille

*Fabiana Bonilha*

*Mestre e Doutoranda em música pelo Instituto de Artes da UNICAMP*

e-mail: [fbonilha@iar.unicamp.br](mailto:fbonilha@iar.unicamp.br)

*Claudiney Carrasco*

*Docente do Departamento de Música – Instituto de Artes da UNICAMP*

e-mail: [carrasco@iar.unicamp.br](mailto:carrasco@iar.unicamp.br)

### **Sumário:**

O presente estudo foi motivado pela experiência pessoal de sua autora, enquanto musicista com deficiência visual. Ele aborda aspectos referentes ao ensino de Musicografia Braille. A partir de um enfoque qualitativo, buscou-se investigar a percepção de estudantes de Música com deficiência visual e de seus respectivos professores acerca das condições atuais de aplicação da Musicografia Braille ao campo da educação musical.

**Palavras-Chave:** musicografia braille – deficiência visual – inclusão educacional

### **Introdução**

Existe uma estreita relação entre a Música e as pessoas com deficiência visual e, notoriamente, as atividades musicais têm um papel muito importante na vida de muitas dessas pessoas.

Há, inclusive, um pensamento bastante difundido segundo o qual as pessoas com deficiência visual tendem a ser bem-sucedidas no campo da Música, caso se dediquem ao estudo dessa manifestação artística. Tal raciocínio se apóia na tendência desses indivíduos a possuírem habilidades ligadas sobretudo à percepção e memória musical.

Deve-se notar que, as pessoas desprovidas de visão recorrem a outros sentidos, sobretudo à audição, para que possam perceber o ambiente que as cerca de forma eficaz e adequada. E isso pode justificar em parte o grande interesse delas pela música.

Através de um estudo realizado por Belin et al (2004), buscou-se investigar se a superioridade das habilidades auditivas das pessoas cegas ultrapassava o domínio da orientação espacial. Para tanto, os sujeitos foram submetidos a uma tarefa que envolvia habilidades musicais específicas.

A partir desse estudo, concluiu-se que as pessoas cegas desde a primeira infância tiveram um desempenho muito superior à performance dos indivíduos pertencentes aos outros dois grupos na atividade proposta.

Encontrou-se, assim, uma correlação negativa entre a idade em que os indivíduos ficam cegos e o nível de desempenho nessa tarefa. Isso pode ser explicado considerando-se que, na infância, há uma maior plasticidade do cérebro, em relação às idades mais avançadas.

Assim, uma vez que, de maneira geral, a capacidade auditiva seja mais amplamente desenvolvida por essas pessoas, a música, por conseguinte, acaba se tornando uma rica fonte de expressão para elas.

Nesse sentido, Figueira (2002) aponta que, ao longo da história, podem ser encontrados inúmeros exemplos de pessoas com deficiência visual que se dedicaram à Música e que obtiveram reconhecimento nessa área.

Considerando a arte como um instrumento de inclusão social, o autor cita diversos casos em que os deficientes visuais se fizeram presentes em manifestações artísticas distintas, dentre as quais a música aparece como predominante.

Oliveira (1995), também discorre sobre o papel que a música desempenha na vida das pessoas deficientes visuais. Em seu trabalho, ele utiliza a memória de quatro músicos cegos e, dessa forma, reconstrói suas histórias de vida, à luz do pensamento de Deleuze. Em sua análise dos depoimentos colhidos, o autor considera que a música aparece como um eixo condutor dos relatos de vida dos sujeitos, e assim, afirma o papel dessa arte na construção da identidade desses indivíduos.

Faz-se necessário, desse modo, que as pessoas com deficiência visual tenham acesso a uma formação musical qualificada, que lhes permita desenvolver suas potencialidades. Para tanto, conforme defende Smaligo (1998) torna-se imprescindível que seja oferecida a essa população a possibilidade de acesso ao sistema de leitura e escrita musical criado especificamente para seu uso.

Esse código de notação musical, que é universalmente adotado por pessoas cegas, denomina-se Musicografia Braille. Seus primeiros fundamentos foram criados, em 1828, pelo próprio Louis Braille (1809 - 1852), inventor do sistema de escrita destinado a deficientes visuais, segundo biografia editada pela Unesco (1975). Antes disto, os estudantes cegos aprendiam a ler música através de um sistema em que a simbologia da notação em tinta era impressa em alto relevo. Esse sistema, evidentemente, impedia que os alunos tivessem uma leitura fluente, assim como dificultava o processo em que eles próprios pudessem escrever música. Tem-se registro de que, em 1829, foi realizada a primeira edição da obra intitulada "Método de palavras escritas, Músicas e canções por meio de sinais, para uso de cegos e adaptados a eles".

A escrita musical em Braille é composta dos mesmos 63 caracteres usados no sistema Braille em geral. Essa escrita é feita somente em sentido horizontal, diferentemente do código em tinta, em que se pode escrever também verticalmente. Não se usam claves nem pentagramas, e a altura das notas se representa por sinais de oitavas. Os acordes são representados por sinais de intervalos correspondentes. Nota-se que é imprescindível que o leitor decore a partitura para que a execute, e isso requer que ele tenha um bom conhecimento musical para que realize uma leitura eficiente.

Deve-se considerar que, desde a criação da Musicografia Braille, foram realizadas diversas reformulações e melhorias ao código musical, até que se chegasse aos padrões concebidos na atualidade. Apesar do empenho constante na consolidação desse método de escrita, deve-se notar que o ensino dessa notação sempre foi muito pouco difundido, sobretudo devido à falta de capacitação de professores, e devido à grande escassez de partituras e materiais didáticos transcritos para esse código.

Nesse sentido, no presente trabalho, tencionou-se problematizar o ensino de música para pessoas com deficiência visual, e analisar as condições que garantam o acesso desses indivíduos a uma formação qualificada. Partiu-se do pressuposto de que o aprendizado da Musicografia Braille é um elemento imprescindível na formação musical de pessoas cegas, do mesmo modo como o aprendizado do Sistema Braille é essencial para que elas tenham acesso à informação e ao conhecimento.

Deve-se destacar que a experiência pessoal da autora dessa pesquisa, enquanto musicista com deficiência visual, consistiu em uma motivação para que ela se dispusesse a produzir um conhecimento relacionado a essa área. Seu contato com a Musicografia Braille e suas dificuldades enfrentadas durante a formação musical a impulsionaram a discutir aspectos relevantes acerca do ensino de Música para pessoas com deficiência visual.

## **Objetivos**

A presente pesquisa teve por objetivo geral investigar junto a alunos de música com deficiência visual e a seus respectivos professores, aspectos ligados ao aprendizado de leitura

através da musicografia Braille, tendo em vista a elaboração de um material de caráter reflexivo, que tenha aplicabilidade a esse processo.

A pesquisa também teve os seguintes objetivos específicos:

a) Investigar, junto a estudantes de música deficientes visuais e a seus professores, aspectos referentes às estratégias pedagógicas adotadas no aprendizado musical através do sistema Braille, bem como a disponibilidade de recursos que os auxiliem na utilização desse sistema.

b) Investigar a existência de ferramentas tecnológicas produzidas até a atualidade, que auxiliem no processo de leitura e escrita musical em Braille, e analisar em que medida esses recursos favorecem tal processo.

c) Produzir um material que sirva como subsídio para educadores musicais que atuem junto a alunos deficientes visuais e para os que, de alguma forma, utilizam-se da Musicografia Braille.

## **Metodologia**

Esse estudo foi realizado segundo um enfoque qualitativo, uma vez que nele se buscou compreender a percepção de alunos e professores de música acerca do ensino de Música para pessoas cegas. Os dados foram coletados mediante o uso de entrevistas semi-estruturadas e de questionários contendo perguntas abertas. Após a aplicação desses instrumentos, os dados coletados foram subdivididos nas seguintes categorias e subcategorias de análise.

Após a formulação dessas categorias, os depoimentos foram analisados segundo a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo, proposta por Lefevre (2003). Essa ferramenta de análise possibilita que se construa um único discurso representativo da amostra estudada, através do levantamento de idéias centrais e do encadeamento das falas dos sujeitos. Assim, é possível que se apreenda o pensamento comum aos sujeitos abordados, e isso facilita a elaboração de reflexões e conclusões relevantes para a pesquisa.

Paralelamente à coleta de dados junto a alunos e professores, foi realizada uma investigação acerca das ferramentas tecnológicas existentes para a transcrição de partituras em Braille. Dessa busca, resultou a criação de um acervo de obras musicais em Braille. Essa fase do trabalho contou com o apoio do Laboratório de Acessibilidade da Unicamp, e com a participação de bolsistas do SAE (serviço de apoio ao estudante) da mesma universidade.

## **Resultados**

A partir dos depoimentos coletados, foi possível estabelecer um panorama das condições de ensino de Música para pessoas com deficiência visual, sobretudo no que se refere ao contato com a leitura e escrita musical em Braille.

Verificou-se que existe uma falta de informação acerca da Musicografia Braille. Há professores que desconhecem a existência dessa notação e, por isso, criam formas “improvisadas” para o ensino da leitura musical, o que torna seus alunos restritos a essas adaptações. Há também aqueles educadores musicais que sabem da existência desse método de escrita, mas desconhecem os caminhos de acesso a ele, os quais, aliás, são estreitos, visto a escassez de materiais didáticos e de cursos através dos quais ele seja divulgado.

De fato, o acesso à notação musical em Braille, dentro das condições atualmente oferecidas no Brasil, exige um grande empenho tanto por parte dos professores de música, quanto por parte de seus alunos com deficiência visual. Os professores necessitam de um alto grau de motivação para buscarem recursos adequados e para compreenderem os mecanismos de leitura e escrita em Braille, e os alunos, por sua vez, precisam se dispor a assimilarem esses mecanismos de um modo quase autodidata, através dos poucos métodos existentes para esse fim.

Dessa falta de informação e dessa escassez de meios que viabilizam o acesso à Musicografia Braille, decorrem a formação de diversas crenças que as pessoas com deficiência

visual e seus respectivos professores possuem acerca de tal notação. Em geral, esse código é concebido como algo bastante complexo, e quase inatingível, cujo aprendizado demanda um longo tempo e esforço. Entretanto, os professores e alunos abordados reconhecem a importância da Musicografia Braille como uma ferramenta que possibilita a autonomia das pessoas com deficiência visual, em seu processo de formação.

De fato, a partir do aprendizado desse código, o aluno adquire independência para escrever e ler partituras, por meio de uma linguagem convencionada especificamente para o uso de pessoas desprovidas da visão. Isto possibilitará que essa população frequente espaços de formação musical, comuns a todas as pessoas, o que remete à idéia de se conceber uma educação musical inclusiva. Em outras palavras, o acesso à Musicografia Braille se torna um elemento imprescindível para a inclusão dos alunos com deficiência visual em escolas de músicas regulares.

Deve-se notar, entretanto, que tais escolas não oferecem apoio e condições para que os alunos com deficiência visual estabeleçam contato com a leitura e escrita musical em Braille. Disto decorre a necessidade de que se viabilize o atendimento educacional especializado a esses alunos, através do qual eles possam ter acesso a esse ensino. Essa modalidade de atendimento, tal como é concebido por Mantoan (2002), consiste em uma forma de apoio ao processo pedagógico, capacitando o aluno com deficiência para que ele seja inserido em ambientes educacionais inclusivos.

## Conclusão

A partir desse estudo, foram suscitadas reflexões acerca do ensino de Música para pessoas com deficiência visual. Mas pode-se considerar que as idéias nele apresentadas também se aplicam de alguma forma ao ensino de Música para qualquer pessoa, já que foram levantados aspectos sobre o aprendizado da leitura e escrita musical, sobre o papel do professor na formação do aluno e sobre a abordagem as diferenças individuais no campo da música.

O assunto tratado nessa pesquisa foi muito pouco contemplado em outros trabalhos acadêmicos. Por isso, ainda há muitas questões que podem ser problematizadas em novas pesquisas dentro dessa área.

## Referências Bibliográficas

- Belin, P; Gougoux, F; Lepore, F; Lassonde, M; Voss, P; Zatorre, R.J. (2004). Pitch discrimination in the early blind. *Nature*, v.15, n.430, p.309-? Disponível em: [www.arclab.org/medlineupdates/abstract\\_15254527.html](http://www.arclab.org/medlineupdates/abstract_15254527.html) Acesso em: 31 maio 2005.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. (2002) *Grafia Braille para a língua portuguesa*. Brasília-DF, MEC. [Publicação em Braille].
- Figueira, E. A presença da pessoa com deficiência visual nas artes. (2003) Rede Saci. Disponível em: <http://www.saci.org.br/index.php?modulo=akemi&parametro=4574> . Acesso em: 02 jun. 2004.
- Lefevre, F; Lefevre, A. M. C., Teixeira, J. J. V. (2003). *O discurso do sujeito coletivo: uma nova opção em pesquisa qualitativa* (Desdobramentos). Caxias do Sul: EDUCS.
- Mantoan, M.T.E. (2002) *O direito de ser, sendo diferente na escola*. (Mimeografado).
- Oliveira, F.C.S. (1995) *Histórias de um aprendizado: os signos de Deleuze nos relatos de vida de músicos cegos*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Smaligo, M.A. (1998) Resources for helping blind music students. *Music Educators Journal*, v.85, n.2, p 23-45.
- Venturini, J. L.; Rossi, T. F. O. (1978). *Louis Braille. Sua vida e seu sistema*. 2. ed. São Paulo, Disponível em: <http://www.deficientesvisuais.org.br/Braille.htm#apresentacao> . Acesso em: 28 jun. 2006.